

CONCEITOS ERRADOS

O Dízimo como Imposto

O ponto de vista, sobre este tema, tem sua base nos princípios do Reino de Deus, sobre o fundamento das Sagradas Escrituras, de acordo com o que o autor entende, tornando-se o único responsável desses aspectos para os quais existem outras interpretações; e é dirigido a todos os crentes, nascidos de novo e que fazem parte do Corpo de Cristo.

Fico assustado com a ênfase que tem sido colocada, nos últimos anos, na pregação do dízimo, e o que me deixa atordoado é a terminologia que utilizam para fazê-lo, a imposição legalista e a obrigatoriedade de praticá-lo como panacéia da bênção de Deus, no âmbito financeiro. Como é de costume na natureza humana, tudo o que se impõe por lei acaba sendo repellido e provoca a rejeição da autoridade que o executa.

Dizem-nos que o dízimo é anterior à lei de Moisés, porque Abraão deu os dízimos a Melquisedeque, antes de a lei ser formulada no Sinai, entretanto eu não vejo o pai da fé levar, a cada fim de mês, os dízimos ao sacerdote de Salém, mas sim que ele o fez uma única vez, como resposta a uma situação específica.

Para muitos acaba sendo uma verdadeira carga difícil de levar, que os oprime ao invés de darem ao Senhor com alegria, porque Deus ama ao que dá com alegria. Esta realidade também não produz nenhum benefício no cumpridor do dízimo, porque ele o faz por imposição, não por fé e convicção, e tudo o que não provém da fé é pecado. (Romanos, 14:23).

Como em diferentes doutrinas “bíblicas”, temos duas pregações diferentes sobre um mesmo tema. Uns pregam o dízimo como atual e outros não crêem que seja uma prática para nós. Os primeiros têm seus textos favoritos para basear sua tese, e os outros se centram em outros versículos para dizer o contrário. Que fazemos então? Como disse o apóstolo: “Examinai tudo, retende o bem”.

De minha parte, gostaria de compartilhar algumas meditações a respeito do assunto e deixar que cada um viva e faça de acordo com sua própria convicção e fé. Nesse assunto entram em jogo alguns componentes de grande sensibilidade, porque tocam em um terreno delicado, onde existem pedras de tropeço e que tem uma grande importância na realidade eclesial.

Algumas considerações iniciais

Ouvi falar sobre o dízimo, pouco tempo depois de convertido, não em uma pregação, mas em uma conversa entre irmãos. Prestei atenção e como não entendia bem o termo, procurei inteirar-me do que se tratava o dízimo. Quando soube que se tratava de doar dez por cento de minha renda para a obra de Deus, comecei a fazê-lo com verdadeira paixão.

Durante todos esses anos, minha mulher e eu temos dado o dízimo, muitas vezes com satisfação e outras pela simples rotina religiosa; mesmo que deva dizer que eu não me ajustei a todas as diretrizes legalistas proclamadas do púlpito, e fiz algumas mudanças na maneira de fazê-lo. Devo dizer também que

depois de muitos anos de praticar o dízimo não ficamos ricos, nossas necessidades básicas sempre são cobertas, graças a Deus, e vivemos sem grandes luxos, mas também de forma austera, com os dois trabalhando para cuidar da nossa família, com três filhos em idade escolar.

Faz algum tempo que comecei a ficar inquieto por essa prática, com relação a semear em terrenos equivocados, devido às formas de sistemas religiosos que algumas igrejas locais adotaram, com líderes dominantes que se aproveitam do controle financeiro como um dos pilares de seu domínio sobre o rebanho de Deus. Tive que repensar sobre esse assunto, meditar nele, estudar as Escrituras e confrontar os meus próprios padrões mentais sobre o assunto.

O dízimo e o sistema religioso

Impor a obrigatoriedade do dízimo vem a ser como um imposto religioso necessário, para manter o sistema hierárquico que predomina atualmente em muitas igrejas.

Sempre se pede aos irmãos que coloquem seu nome sobre o envelope do dízimo, o que proporciona um controle farisaico sobre os crentes. Desta forma, o líder e mais algumas pessoas têm informações confidenciais, que logo conduzem à hipocrisia, fazendo-o para ser visto e anotado no registro da igreja, como uma categoria especial: aqueles que dão o dízimo. Este caminho conduz irremediavelmente a um evangelho de obras.

A sutileza de pedir aos irmãos que ponham seu nome no envelope, com a finalidade de que o pastor possa orar por eles, para que possam receber a bênção de Deus ao fazê-lo, não deixa de ser uma artimanha que se distancia da vida de fé, para levantar um mediador que canalize as bênçãos de Deus. E também discorda do ensino de Jesus de que a mão direita não deve saber o que faz a esquerda. É uma forma infantil de tratar os crentes.

Alguns de nossos métodos para conseguir fundos são tão vergonhosos que estão produzindo desonra e rejeição ao evangelho.

A pressão e a coação sobre os crentes, para fazer com que dêem o dízimo tem sua base, geralmente, no temor e na ansiedade pelas finanças da igreja. Agir por temor envolve em si mesmo o castigo (1 João 4:18), e se perde o resultado de dar com alegria e fé, baseado no amor e não no medo.

No evangelho, a justiça de Deus se revela por fé e para a fé, como está escrito: O justo viverá pela fé (Romanos, 1:17). Se não agimos por fé, não podemos agradar a Deus (Hebreus, 11:6) e assim não receberemos o galardão.

A grande pergunta

Devemos dizimar como se fazia sob a lei ou não? O dízimo é para hoje ou foi somente para os que viviam sob a lei de Moisés?

Está claro que o dízimo pertence à lei, oferecido para manter a tribo de Levi, que foi escolhida para dedicar-se ao sacerdócio, e não recebeu herança da terra. Se

quisermos levantar um sacerdócio hierárquico ao estilo do Sinai, então necessitamos dos dízimos.

Se dissermos que o dízimo é anterior à lei e por isso devemos aplicá-lo hoje, também deveríamos nos circuncidar, porque a circuncisão foi dada a Abraão como sinal da promessa e, portanto antes da lei.

Quando a passagem de Hebreus 7 e o sacerdócio de Melquisedeque são usados como argumentos para apoiar a prática do dízimo, pensemos no seguinte: Esse dízimo foi dado uma única vez; o sacerdócio de Melquisedeque, figura de Cristo como nosso sumo sacerdote, pertence a um nível celestial e não terreno, é um sacerdócio imutável e não submetido aos rituais e ao sistema centrado no templo de Jerusalém. O sacerdócio segundo a ordem de Aarão pertence a um sistema de sacrifícios repetitivos para obter o favor e o perdão de Deus; enquanto que o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque, figura do sacerdócio imutável de Cristo, pertence a um nível superior, onde não existe necessidade de oferecer sacrifícios contínuos, mas que com uma única oferta, feita de uma vez para sempre, nos livrou dos pecados.

A obra de Jesus nos livra do velho sistema religioso repetitivo pelo qual nunca alcançaríamos uma consciência limpa de obras mortas, seu sangue nos limpa para sempre e nos introduz em uma nova dimensão de comunhão e vida no Espírito de Deus.

No entanto, quando se prega a obrigatoriedade de dar o dízimo como regra, adentramos em uma parte do sistema religioso que nos mantém na repetição de obras, para obtermos a ajuda oportuna. Esse formato pertence ao velho regime da letra e não ao novo do Espírito. Mais adiante, ampliaremos tudo isso.

Se ensinarmos a prática do dízimo como requisito para a benção de Deus, entramos em uma dinâmica de obras que não tem fim, porque se cumprirmos uma parte da lei e deixarmos de cumprir outra, não alcançaremos o favor de Deus.

“¹⁰ Pois qualquer que guardar toda a lei, mas tropeçar em um só ponto, tem-se tornado culpado de todos. ¹¹ Porque o mesmo que disse: Não adulterarás, também disse: Não matarás. Ora, se não cometes adultério, mas és homicida, te hás tornado transgressor da lei. ¹² Falai de tal maneira e de tal maneira procedei, como havendo de ser julgados pela lei da liberdade. ¹³ Porque o juízo será sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia; a misericórdia triunfa sobre o juízo.” (Tiago, 2)

Por esse caminho anulamos a obra única e acabada de Cristo para obter a redenção, ou melhor, regressamos às obras da lei para sermos justificados, e o apóstolo nos disse que “Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, constituo-me a mim mesmo transgressor.” (Gálatas, 2:18).

Por outro lado, seria arbitrário, de nossa parte, escolhermos algumas obras da lei e deixar outras. Fomos redimidos da maldição da lei (Gálatas, 3:13), Jesus fez-se maldição por nós, para nos livrar da condenação da lei, porque era impossível cumpri-la em sua totalidade. O apóstolo Pedro o expressou assim:

“¹⁰ Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? ¹¹ Mas cremos que somos salvos pela graça do Senhor Jesus, do mesmo modo que eles também.” (Atos, 15)

Impor o dízimo como regra resulta irremediavelmente em condenação, “Pois todos quantos são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las.” (Gálatas, 3:10).

Agora, com o que dissemos, não significa que não devamos ser generosos ou que devamos evitar nossa responsabilidade para com a igreja local, veremos esta parte, mais amplamente, à medida que avançemos no assunto. Deus ama ao que dá com alegria, e o que semeia generosamente receberá uma colheita generosa. Não somente em dinheiro, mas em tudo o que compartilhamos com os demais: Tempo, compreensão, amabilidade, etc.

Vejam os conceitos e argumentos que normalmente se utilizam para justificar o imposto do dízimo.

Argumentos e conceitos clássicos sobre o dízimo

Veremos alguns argumentos que são feitos na hora de enfatizar a imposição inevitável de dar o dízimo.

Trazei todos os dízimos ao armazém. O que é armazém? Na versão evangélica que ouvimos muitas vezes de certos púlpitos, trata-se da igreja local onde congregamos; o pastor, que atua como “sumo sacerdote”, o levita, recebe os dízimos e os administra, em alguns casos sob a supervisão de um conselho e em outros, como melhor lhe pareça. A maioria dos amados irmãos leva seu dinheiro confiando no bom procedimento dos líderes, crendo que o faz para o Senhor esquecendo-se de tudo o mais. Foram ensinados que essa parte de suas receitas pertence a Deus, é “seu imposto” e como tal, não tem sobre o que decidir.

Em algumas igrejas locais, uma reunião informativa é realizada anualmente para a apresentação das finanças e de outros assuntos de caráter administrativo.

Digamos que esta é uma forma simples de interpretar a palavra armazém, é uma “exegese” tosca, de fácil compreensão em um sistema religioso relacionado a um lugar, um pastor e uma congregação habituada à rotina eclesiástica. No entanto, “armazém” é um termo derivado do árabe, que figura na Bíblia como “celeiro”, que é o reservatório para os dízimos, anexo ao templo e sob responsabilidade dos levitas. O que realça, uma vez mais, que assumimos o sistema veterotestamentário como parte do evangelho da graça. Nós o aplicamos, literalmente, neste caso e nos sentimos à vontade. Certamente que se encaixa como uma luva em nossos propósitos de simplificar as coisas e fazê-las serem entendidas e exigidas como bíblicas.

Se dissermos que os dízimos pertencem ao Senhor e devemos trazê-los ao armazém, que é a igreja onde nos congregamos, onde ficam os noventa por cento restantes? A quem pertence? Deduz-se que, com o resto, podemos fazer

o que nos pareça melhor, se formos generosos, daremos alguma oferta extra para os pobres ou para qualquer outra necessidade, mas isso já é voluntário e não carrega em si a obrigatoriedade que se aplica ao dízimo.

Esta forma de dividir e fragmentar nossas vidas não aparece no ensino do apóstolo Paulo. Somos ensinados que todo o nosso ser, espírito, alma e corpo são de Deus, que fomos comprados por um preço, que não nos pertencemos, que se vivemos, para o Senhor vivemos, e se morremos, para o Senhor morremos, de sorte que ou vivamos ou morramos, somos do Senhor. Se nós fomos ensinados de que quando vier o Espírito Santo, Ele nos guiará a toda a verdade, também inclui saber quando e onde devemos investir nosso dinheiro, mas a lei dos dízimos estabelece este assunto, e não dá espaço para a direção do Espírito de Deus, de tal forma que apagamos a voz de nosso interior, porque outra voz tomou o seu lugar.

Existe uma música cantada em muitas igrejas, e que é realmente muito bonita e cativante em sua melodia e entonação, mas, em sua mensagem, nos ensina a dividir nossas vidas. Diz assim:

Trazemos hoje diante de teu altar nossas coroas,
Queremos dar-te o melhor de nossas vidas,
Te entregarei meu amor inteiro, os sonhos que consegui alcançar.

Te darei o melhor de minha vida,
Te darei o melhor a cada dia,
Será muito mais que uma canção,
Minha obediência em minha melhor adoração

Trazemos hoje diante de teu altar nossas coroas,
Queremos dar-te o melhor de nossas vidas,
Trazemos somente as primícias,
Pois tu mereces o melhor,

Eu me pergunto: Se trouxermos ao Senhor somente o melhor, que faremos com o resto de nós? Onde ficam os pecados para serem lavados no sangue do Cordeiro? Isso nós não podemos levar ao Senhor, porque é o pior de nós, então, aonde os levaremos? Se dermos ao Senhor somente o melhor, onde fica a renição incondicional de todo nosso ser, para colocá-lo sob o domínio de Cristo? Desse tipo de mensagem se deduz que existe uma parte de nós que fica fora da comunhão com Deus, é o lado escuro, o sótão de nosso caráter, o aposento que não apresentamos a ninguém, porque é indecente e de mau gosto, ou seja, fomos pegos na prática de viver de aparências, pôr a melhor fachada nos cultos, esforçando-nos um pouco, durante duas horas e pouco, para depois vivermos afastados da realidade de estarmos unidos a Cristo na vida e na morte. É absurdo. No entanto gostamos tanto da música, da entonação, do ritmo da música que não importa a mensagem, o que importa é que ela nos comova, nos arrepie, e isso se torna suficiente para a superficialidade de uma vida cristã medíocre, parcial e de aparências.

É um exemplo do que temos, na hora de cantar canções que formam uma teologia baseada em emocionalismo, mas que na verdade, se baseia mais nos

conceitos do pacto da lei, do que no evangelho da graça. Essa mistura nos leva à confusão.

Concluindo, direi que deduzir que o armazém é a igreja local, é uma interpretação interessada em atender ao nosso sistema religioso. Nem mesmo os judeus atualmente dão o dízimo, porque entendem que como o templo em Jerusalém foi destruído, o dízimo já não tem mais razão de existir, já que não existe o sistema sacerdotal centrado nos sacrifícios, por isso eles praticam outra forma de recolher ofertas nas sinagogas.

Em todo caso, o templo de Deus é formado pelos redimidos pelo sangue do Cordeiro, não é um templo de pedra, nem é um celeiro de tijolos. Mas ao enfatizar um lugar onde levamos nossos dízimos, voltamos a levantar outro templo, isto é, o lugar de culto, por mais que nos esforcemos em ensinar que a casa de Deus somos nós, uma casa espiritual e um sacerdócio santo para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus. Nossa entrega a Deus está relacionada também às finanças, o dar com generosidade, mas não por sistema e sim com alegria, porque Deus ama quem dá com alegria.

Não dar o dízimo é roubar a Deus. Esta frase lapidar é uma das denúncias que aparecem no livro de Malaquias, mas não é a única, especialmente dirigidas à classe sacerdotal, ainda que quando se mencionam os dízimos, a mensagem é ampliada à nação inteira. Este texto do profeta Malaquias é o preferido daqueles que querem impor o dízimo com a ameaça de que ficaremos sob maldição se não o cumprirmos. Há algum tempo recebi uma carta sobre este assunto e gostaria de compartilhar a resposta que enviei a esse irmão. Seu nome está omitido.

“Meu nome é..., escrevo de Londres e desejo saber se as maldições de que fala Malaquias, por não dizimar no antigo testamento, estão vigentes em nossos dias, isto é, se uma pessoa não dizima pode entrar em maldição? Agradeço por sua ajuda.

Deus o abençoe”.

Esta foi a minha resposta:

Querido irmão na fé.

Se fosse assim, então toda a revelação da justiça de Deus pela fé, isto é, a justificação em Cristo mediante a fé, seria anulada e o evangelho que o apóstolo Paulo pregou não estava certo. Está escrito que “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; para que aos gentios viesse a bênção de Abraão em Jesus Cristo” (Gálatas, 3:13-14).

Por outro lado, se pusermos a lei de Moisés como base da bênção, teremos um conflito interminável, porque se dizirmos, mas não guardarmos o sábado ou se não formos circuncidados incorreremos também em maldição. Do contrário estaríamos fazendo diferença entre guardar umas coisas e não guardar outras.

Seria necessário perguntar, por que essa ênfase em cumprir com os dízimos e não com outros aspectos da lei? A obrigatoriedade de dar o dízimo se converteu

atualmente em lei e, portanto, um requisito para obter a aprovação da igreja institucional, ou seja, a justificação por obras, ou seja, outro evangelho. Nos dias do apóstolo Paulo, o conflito era sobre a circuncisão, de tal forma que circuncidar-se chegou a ser vital para a salvação. O apóstolo dos gentios lutou contra essa deformação da verdade que Ihe havia sido revelada, e o fez com verdadeira paixão e veemência, porque percebeu que estava em jogo a verdade que nos torna livres e não escravos de um sistema religioso.

Em nossos dias a economia ocupa um papel preponderante, as igrejas vivem desafios enormes para manter os orçamentos elevados em alguns casos, então pressionam para que os fiéis, os crentes, cumpram com a “obrigatoriedade de dar o dízimo”, chegando a amaldiçoar os que não o dão, pondo uma carga pesada sobre muitos irmãos amados com consciência fraca. Mas o evangelho da graça de Deus não impõe cargas, mas libera os oprimidos delas.

Portanto, se um irmão pensa que dar o dízimo é uma forma de manifestar sua fidelidade a Deus, que o faça, mas não que Ihe seja imposto, que o faça por fé, com alegria, não por obrigação nem por ameaças de ser amaldiçoado. Se nossa bênção tem sua base em dar ou não o dízimo, para que morreu Cristo? Efésios 1:3 diz claramente que Deus já nos abençoou com toda a bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo. Quando pomos as obras como base de nossa bênção estamos operando debaixo do fundamento da lei, o antigo regime, não debaixo do Novo Pacto do Espírito.

Compreendo perfeitamente e conheço a pressão que se exerce em muitos púlpitos de nossas igrejas ocidentais, pressionando os irmãos na obrigatoriedade dos dízimos, e também sei que muitos ficaram desapontados por essa ênfase exagerada. O Senhor nos chamou para a liberdade e não para a servidão.

Resumindo, usar o texto de Malaquias para ameaçar com maldições aos que não dão o dízimo, me parece uma distorção da verdade completa, que aparece na totalidade das Sagradas Escrituras. Sei de muitas igrejas que não ensinam o dízimo e dão com alegria para a obra de Deus, e não me consta que estejam debaixo de maldição.

Aproveito para Ihe enviar saudações cordiais em Cristo

VIRGILIO ZABALLOS

A superstição do dízimo

Outra ênfase que normalmente se faz, na hora de cobrar o pagamento dos dízimos, é que você fica em um lugar onde Deus pode abençoar sua vida financeira. Esta mensagem é muito atraente, mesmo que leve muitos a pensar em termos de jogar na loteria, ou servir a deusa Fortuna. Eu explico. Não há dúvida que tudo o que o homem semear também colherá, mas quando estabelecemos como base da provisão de Deus, a doação de nossos dízimos, estamos aguçando a superstição inata do homem religioso, dessa forma, com uma mentalidade pragmática, deduzimos que merecemos o prêmio porque “compramos o bilhete”. Uma vez mais este caminho nos conduz ao evangelho de obras, onde a prática do dízimo suplanta o fundamento da redenção como

base da bênção de Deus. A provisão de Deus é Cristo e a obra da expiação feita no monte de Deus, nos proverá para todas as nossas necessidades.

Pelo que chamou Abraão àquele lugar Jeová-Jiré; donde se diz até o dia de hoje: No monte do Senhor se proverá. (Gênesis, 22.14).

Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que pela sua pobreza fôsseis enriquecidos. (2 Coríntios, 8:9).

Para reforçar esta prática são apresentados testemunhos pelos quais algumas pessoas contam como, antes de darem o dízimo, viviam na pobreza, e desde que começaram a dá-lo, as finanças vão às mil maravilhas, ou seja, ganharam na loteria, e dessa forma temos a mensagem para a multidão de crentes de que, praticar o dízimo, é a chave para a prosperidade. Glorificamos as obras e nossos olhos seguem certas práticas em lugar de colocar nossos olhos no Autor e Consumador de nossa fé.

A mensagem, em seu lado negativo, nos diz que se não dermos o dízimo, Deus nos castigará, não seremos bons cristãos, seremos crentes de segunda classe, e o pastor não ficará feliz conosco, portanto não poderemos contar com seu apoio. Além de que estaremos em sério perigo de perder nosso emprego e o diabo poderá nos peneirar como quiser, seremos derrotados e com razão, daremos base para sermos entregues nas mãos de Satanás por não cumprirmos com o requisito dos dízimos.

Isto pode parecer exagerado e alarmista, mas é o resultado de um ensino que põe como fundamento de nossa provisão, as obras da lei no lugar de colocar Cristo como a Rocha que nos sustenta. O dízimo vem suplantar Jesus como provedor para todas as nossas necessidades; inventamos outro caminho, levantamos um ídolo e dizemos: estes são os vossos deuses que lhes tiraram do Egito. É o pecado de Jeroboão, um novo sistema religioso para não ter que passar por Jerusalém e chegar à cruz do Calvário onde nossa expiação e redenção foram realizadas.

O pecado de Jeroboão levanta outros lugares de culto, inventa outros sacrifícios, e põe sacerdotes a seu bel-prazer, mas sua origem está fundada sobre a soberba do poder e o temor de perdê-lo, por isso disse ao povo: Estes são os vossos deuses que lhes tiraram do Egito, não é preciso ir a Jerusalém, temos outros lugares mais próximos, um em Betel e outro em Dan, ali podereis ir e conseguir o favor de Deus. Desta forma eliminamos a cruz de Cristo, a mensagem da cruz se dilui e se faz mais acessível ao povo para que possam crer e viver comodamente, serem prósperos em tudo e nadar na abundância.

Este pecado e falsificação da verdade têm aparência de piedade, aparência de serem bíblicos, e quando os institucionalizamos, anulamos a palavra original de Deus e os transmitimos, de geração em geração, como tradição religiosa. Assim ocorreu com o pecado de Jeroboão, que se estabeleceu nas gerações seguintes, como parte do culto verdadeiro, até que o juízo de Deus o alcançou.

A imposição do dízimo veio a ser um dos pilares desse novo sistema eclesiástico, que é preciso enfatizar, para manter o edifício que estamos levantando como a maior glória do homem.

Quero dizer com isto que os que dão o dízimo estão cometendo o pecado de Jeroboão? Não, não estou dizendo isso, estou tratando de discernir até onde nos conduzem certas práticas elevadas à categoria de imposição legalista; além de dizer que o fundamento de nossa fé e provisão já está colocado, o qual é Cristo, e se alguém põe outro fundamento, a obra se queimará e não receberá recompensa (1 Coríntios, 3).

Alguns em seu afã de imporem e se assegurarem da cobrança do dízimo, chegam a extremos verdadeiramente sectários, como é o caso da chamada Igreja Universal do Reino de Deus, e que ensina o seguinte: “os dízimos significam fidelidade e as ofertas o amor do servo para com o Senhor. Não se pode separar os dízimos das ofertas da obra redentora do Senhor Jesus; significam, na verdade, o sangue dos salvos em favor daqueles que necessitam de salvação”. Aqui temos mais um exemplo de como podem distorcer as Escrituras com a finalidade de conseguir fundos para manter a ideia de que o evangelho está sendo pregado.

Princípios do Reino sobre a economia

Antes de considerar alguns dos princípios sobre o tema da economia no Reino de Deus, que são comuns e aplicáveis a outros temas, direi que se você quiser separar o dízimo como uma disciplina pessoal para não cair em outro extremo, o da escassez e falta de generosidade na hora de compartilhar com outros, faça-o, mas isso não faz com que seja aceito diante de Deus.

As disciplinas são boas para não cair na preguiça e na negligência, o apóstolo Paulo diz que elas têm, na verdade, certa reputação de sabedoria no culto voluntário, em humildade e em duro trato do corpo, mas não têm valor algum contra os apetites da carne, portanto, não porque comemos ou fazemos qualquer outra coisa, seremos mais aceitos diante de Deus, quem nos justifica é Deus, com base na obra perfeita e completa de Jesus na cruz do Calvário. (Colossenses 2:20-23) (1 Coríntios 8:8)

Dizer isso pode ser arriscado para aqueles que buscam a oportunidade de viver com liberdade extrema apoiando-se na graça, mas é o cerne do evangelho de Jesus. O evangelho pode ser deformado de um extremo ao outro, mas Deus conhece os que são Seus e que se aparte da iniquidade todo aquele que invoca o Nome do Senhor. Também não se trata de justificar o legalismo com a ideia de ajudar a condição humana caída porque, em Cristo, somos novas criaturas e o poder da ressurreição deve estar atuando naqueles que ressuscitaram com Cristo, para buscar as coisas de cima.

Bem, tendo dito isto, ainda que compreenda que se poderia ampliar muito mais o assunto e que alguns pontos podem ter ficado desatados, para não me alongar demasiadamente, me centrarei nos princípios básicos que regem a obra de Deus sobre a economia na vida dos redimidos pelo sangue do Cordeiro, os nascidos de novo e que andam em novidade de vida.

A fé. Como está escrito: o justo viverá pela fé. A fé é uma convicção interior que nos guia a vivermos de uma maneira determinada. Tudo o que fazemos, como filhos de Deus, tem ou deve ter este selo, porque sem fé é impossível agradar a Deus, é necessário crer que Deus existe e que Ele galardoa os que O buscam.

A fé ou convicção se nutre da palavra viva de Deus pondo em nossas consciências a certeza de agir de uma maneira ou deixar de agir de outra. Esse espírito de fé nos foi dado por Deus, na medida apropriada, para operar por amor.

A fé pode nos mover a fazer investimentos financeiros de diversos tipos, em função do movimento de nosso coração, porque a fé vem do coração, não das necessidades urgentes que nos apresentam em muitos cultos e programas de rádio e televisão. Saber escolher corretamente onde e quando devemos por nosso dinheiro é uma arte que necessita da direção do Espírito de Deus.

Creio pessoalmente que podemos aplicar a palavra do apóstolo Paulo, quanto à prática do dízimo, quando ele diz: “Tens tu fé? Tem-na em ti mesmo diante de Deus. Bem-aventurado aquele que não se condena a si mesmo naquilo que aprova. Mas aquele que tem dúvidas, se come está condenado, porque o que faz não provém da fé; e tudo o que não provém da fé é pecado.” (Romanos, 14:22, 23). Neste caso se trata de comida, mas que também está regulamentada pela lei de Moisés. Alguém pode ter a convicção de não comer certos alimentos, ainda que esteja escrito que comer uma coisa ou outra não nos torna melhores nem piores, porque a oração santifica todos os alimentos. No caso do dízimo alguns, que estão habituados até agora a dar o dízimo, podem manter essa convicção dentro da esfera de sua fé, se assim o desejarem, não para impô-la aos que foram ensinados de outra forma, cuja fé tenha se desenvolvido de maneira distinta no tema das finanças, é um assunto do coração, não das aparências, “tem-na em ti mesmo diante de Deus” e não julgue ou condene aos que têm outra convicção.

Haverá outros que se sentem obrigados, pela imposição de seu pastor, nesta matéria, ainda que não tenham convicção, nesse caso devem escolher entre obedecer ao ensino do líder ou submeter-se à sua consciência, sabendo que tudo o que não procede da fé, da convicção interior do coração, é pecado. Alguns aproveitaram estes princípios para desenvolver uma falta de generosidade, de toda maneira, é melhor ter os irmãos contentes na hora de darem suas ofertas, do que os obrigar, por lei, sobre aquilo de que não estão convencidos. Resumo citando as palavras de Paulo em outro dilema exposto em sua carta aos coríntios, "Mas, se alguém quiser ser contencioso, nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus."

O amor. “Todas as vossas obras sejam feitas em amor.” (1 Coríntios 16:14). “O amor não faz mal ao próximo. De modo que o amor é o cumprimento da lei.” (Romanos 13:10). Se formos movidos por fé e amor, não teremos dificuldades em compreender as necessidades que uma igreja local tem no terreno econômico e seremos responsáveis sobre isso. Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber; e compartilhar com outros, daquilo que temos, é uma das alegrias da vida cristã. Creio que a maioria dos irmãos não tem problema com este assunto, as lutas se apresentam quando as lideranças exercem pressão,

coação, culpabilidade, manipulação (inclusive das Escrituras), juízo e condenação para se assegurarem das entradas de dinheiro necessárias.

Outro conflito ocorre quando se planeja gastos elevadíssimos dirigidos especialmente a programas em lugar das necessidades reais das pessoas. Justificam-se os orçamentos com a idéia de anunciar o evangelho, ainda que em muitos casos, se trata de mania de grandeza e de competição com outras igrejas para serem maiores, mais imponentes, ter maior reputação e influência. Alguns pregadores de televisão atraem tanta notoriedade sobre eles mesmos, que envergonham os próprios crentes e prejudicam o evangelho de Jesus. Para não falar das enormes quantias de dinheiro que se investem na construção de edifícios suntuosos para competirem com as catedrais da Idade Média. Jesus disse que não ficaria pedra sobre pedra, mas o amor permanece para sempre.

A vida no Espírito. Este tipo de vida não está regulamentado pela lei, mas pela união com Cristo. Não se pode controlar, mas depende do movimento das águas vivas em nosso espírito. Quanto este tipo de vida falha, se estanca e paralisa, então o sistema religioso vem e ocupa seu lugar com normas, dogmas, disciplinas, hábitos e tradições. Uma vez que tiver ocupado seu lugar, não desejará desocupá-lo, mas estabelecer-se, e assim temos a rotina religiosa como base essencial do que chamamos de vida cristã. O líder será o sumo sacerdote e mediador, além de se tornar a voz da consciência para determinar o que deverá ser feito em cada momento, o que está bem, e o que está mal. Desta forma anulamos a vida do Espírito de Deus porque ela foi suplantada pelo sistema eclesiástico que, volto a dizer: “Estes são os vossos deuses que lhes tiraram do Egito”, vamos fazer festas, apoiando nosso programa e assim chegaremos à terra da provisão.

Amados de Deus, nosso investimento financeiro também depende de andarmos no Espírito e não da rotina estabelecida. Devemos estar espiritualmente despertos para saber aonde e para quem devemos dar, sermos sensíveis à voz de Deus em nosso espírito para semear nos campos que nos indique o Espírito de Deus, e ao fazê-lo, deverá ser sempre com generosidade e alegria, porque Deus ama ao que dá com alegria.

Quando nos movemos no Espírito nesta área, não estamos pensando no prêmio, mas na obediência. O gozo não está em dar \$1 ou \$100, mas em obedecer à voz de Deus em nossos corações. A obediência traz bênção e gozo e mais obediência e mais sensibilidade ao nosso espírito para agirmos em novas oportunidades para dar.

Quando estabelecemos um limite em nossas ofertas ou dízimos, nos custará sair desses parâmetros e seguir o Espírito. Acomodamo-nos ao hábito e perdemos o frescor da vida de fé. Não tenho nada contra os bons hábitos, pessoalmente sou metódico e organizado, gosto de planejar as coisas, mas procuro deixar a porta da flexibilidade aberta para estar atento ao homem interior, o do coração.

A generosidade. “Mas digo isto: Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e aquele que semeia em abundância, em abundância também ceifará, Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, nem por constrangimento; porque Deus ama ao que dá com alegria. E Deus é poderoso

para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda boa obra;” (2 Coríntios 9:6-8).

O coração redimido pela abundante riqueza de Cristo e sua entrega como substituto na cruz do Calvário, recebeu um impacto tão forte de generosidade e entrega que manifestará uma boa dose dessa generosidade para com os demais.

A generosidade não significa dobrar-se à manipulação emocional usurpadora, muitos aproveitam do amor dos cristãos para enganar e obter dinheiro fácil. A generosidade vai unida ao discernimento para não errar o alvo. Isso não exclui que muitos de nós, em algum momento, tenhamos sido enganados por pessoas que pareciam sinceras em seus pedidos e logo demonstraram serem farsantes. De qualquer maneira, aprendemos com a prática.

O domínio de Cristo. A vida cristã é o resultado da invocação do Nome de Jesus sobre nossas vidas, “todo aquele que invocar o Nome do Senhor será salvo”. Essa invocação nos coloca sob o domínio e Senhorio de Cristo, passamos a ser Dele, Sua propriedade, somos um espírito com Ele, portanto, toda nossa vida fica sujeita a Ele, fomos mortos com Cristo, fomos sepultados e ressuscitados com Ele para andar em novidade de vida. Já não somos nossos, somos propriedade de Deus. Não há divisão, nem áreas diversas, todo o nosso ser, espírito, alma e corpo pertencem a Ele.

Vivendo sob Seu domínio somos mordomos do que Deus nos delegou para administrar, e os administradores devem ser fiéis. A economia é outra parte de nossa vida que deve estar sob a direção do Espírito de Cristo, por isso não deveríamos desperdiçar, nem sermos negligentes ou devedores, mas sondar em nosso espírito qual é a vontade de Deus, em cada ocasião, para fazer bom uso dos recursos materiais.

Aqueles que querem enriquecer. Um dos indicadores desta geração é o afã excessivo pelo enriquecimento, o materialismo, o hedonismo, a cultura do prazer. Somos grandes consumidores de recursos e para isso necessitamos de grandes quantidades de dinheiro, por isso vivemos muito preocupados e ansiosos para conseguir riquezas.

O tipo mais chamativo de igreja, em nossos dias, é o que oferece uma imagem ostentosa e rica, que está especialmente ocupada com grandes realizações que sejam vistas a longa distância, “levantar torres que chegam ao céu” e atrair a atenção da sociedade para enfeitá-la diante de sua grandeza e poder. É o estilo de igreja de Laodiceia, rica, auto-suficiente e orgulhosa de suas realizações, mas diante de Deus é pobre, cega, e nua.

O apóstolo dos gentios disse: “Mas os que querem tornar-se ricos caem em tentação e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, as quais submergem os homens na ruína e na perdição.” (1 Timóteo, 6:9). Em nossos dias parece existir, em certas igrejas, uma corrida desenfreada por amor ao dinheiro, como sabemos disto? Pela quantidade de tempo que se dedicam a pregar sobre a prosperidade, os dígitos, finanças, programas que requerem dos crentes, grandes exigências financeiras, alardeando um nível de vida elevado como sinal da bênção de Deus.

O desejo pelas riquezas nos prende, nos confina em pensamentos cobiçosos, nos torna insensatos e nos afunda em vidas destrutivas. A vida familiar se desmorona, um elevado número de crianças que nascem é fruto da fornicação, porque nascem fora do âmbito familiar, como fruto da promiscuidade sexual, o aborto surge para interromper essas gravidezes, o divórcio quanto mais cedo melhor, o adultério é aceito em muitos casos, mas o afã pelas riquezas supera qualquer outro esforço em nossas vidas. Queremos comprar o amor de nossos filhos com brinquedos de todo tipo para vivermos longe da presença deles.

Jesus nos ensinou a juntar tesouros no céu aonde não chegam os ladrões, e que o afã e a ansiedade pelas necessidades materiais é uma prática relacionada com os gentios que vivem distantes do Reino. Tristemente, em muitos casos, nós nos deixamos arrastar pela mesma corrente desses esquemas de vida.

Os pobres, os órfãos, as viúvas e os estrangeiros. A igreja primitiva teve muita consideração pelas necessidades dos menos favorecidos. Uma das primeiras eleições que realizaram não foi para dar um título, mas para atribuir uma tarefa, a de se ocupar com as necessidades das viúvas. Escolheram sete pessoas que estavam cheias do Espírito Santo, de fé e de sabedoria, essa foi a capacitação que buscaram nelas para lhes atribuir o trabalho social de atender a distribuição diária para as viúvas negligenciadas pelo crescimento e perseguição da igreja. (Atos, 6)

Nós normalmente atribuímos títulos às pessoas e logo lhes pedimos que ajam em função deles, ou do ministério (que veio a ser um título) dado; mas em Atos 6, não aparece sequer o termo diácono, somente aparece como título do capítulo, mas não aparece no texto, um fato curioso. Para nós, são os sete diáconos, mas não são chamados de diáconos; ao falar mais adiante de Felipe, ele é mencionado como um dos sete e nada mais. É uma curiosidade para revisar a mentalidade predominante que assumimos pelas nomeações.

No início da igreja primitiva desenvolveu-se uma comunhão que incluía compartilhar todas as coisas, era um só coração e uma só alma e ninguém alardeava suas posses, mas as punham à disposição da comunidade, por isso não havia pessoas necessitadas, pois compartilhavam conforme a necessidade de cada uma. Vendiam suas propriedades e colocavam o dinheiro aos pés dos apóstolos.

³² Da multidão dos que criam, era um só o coração e uma só a alma, e ninguém dizia que coisa alguma das que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns. ³³ Com grande poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. ³⁴ Pois não havia entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que vendiam e o depositavam aos pés dos apóstolos. ³⁵ E se repartia a qualquer um que tivesse necessidade. ³⁶ então José, cognominado pelos apóstolos Barnabé (que quer dizer, filho de consolação), levita, natural de Chipre, ³⁷ possuindo um campo, vendeu-o, trouxe o preço e o depositou aos pés dos apóstolos. (Atos, 4).

Quero dizer duas coisas a respeito dessas experiências dos amados irmãos do primeiro século. A primeira é que, curiosamente, não se tratava de dar o dízimo,

mas a totalidade dos recursos obtidos pela venda de suas propriedades. A segunda é que mais adiante parece que esta forma de “comunismo” não deu resultado, porque a igreja de Jerusalém experimentou uma grande necessidade e foram os irmãos de outros lugares que a socorreram. O que quero ressaltar é que tinham uma grande sensibilidade pelas necessidades das pessoas e não pelos programas; a comunhão girava ao redor das pessoas e suas diversas necessidades. Alguém dirá que nesse tempo não havia um estado que se encarregava da seguridade social como ocorre em nossos dias, ao que respondo que, precisamente, boa parte de nosso sistema social atual é baseada na influência que o cristianismo exerce na cultura ocidental.

Também temos, no Novo Testamento, a constatação da grande oferta que Paulo e Barnabé administraram aos irmãos de Jerusalém.

²⁷ Naqueles dias desceram profetas de Jerusalém para Antioquia; ²⁸ e levantando-se um deles, de nome Ágabo, dava a entender pelo Espírito, que haveria uma grande fome por todo o mundo, a qual ocorreu no tempo de Cláudio. ²⁹ E os discípulos resolveram mandar, cada um conforme suas posses, socorro aos irmãos que habitavam na Judéia; ³⁰ o que eles com efeito fizeram, enviando-o aos anciãos por mão de Barnabé e Saulo. (Atos, 11)

²⁵ Mas agora vou a Jerusalém para ministrar aos santos. ²⁶ Porque pareceu bem ã Macedônia e ã Acaia levantar uma oferta fraternal para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém. ²⁷ Isto pois lhes pareceu bem, como devedores que são para com eles. Porque, se os gentios foram participantes das bênçãos espirituais dos judeus, devem também servir a estes com as materiais. ²⁸ Tendo, pois, concluído isto, e havendo-lhes consignado este fruto, de lá, passando por vós, irei ã Espanha. (Romanos, 15)

As necessidades dos pobres ocupam uma porcentagem mínima nos orçamentos das igrejas de nossos dias. Existem exceções maravilhosas e exemplos verdadeiramente admiráveis de entrega e compaixão pelos desamparados, os quais merecem toda a nossa admiração e reconhecimento. No entanto, predomina a indiferença pela obra social e as finanças das igrejas são envolvidas em outros tipos de projetos.

Alguns dos exemplos dignos de menção e que conheço em parte são REMAR, a Fundação DCI e o trabalho de ENSIMISIÓN. A obra que faz a Remar www.remar.org há mais de vinte anos nas nações menos favorecidas, com suas sombras e com suas luzes que iluminam nos lugares mais tenebrosos da terra, tem meu respeito e admiração.

A Fundação DCI, <http://www.dci.org.uk> é um trabalho silencioso, mas eficaz que foi iniciado nos anos oitenta, pelos amados irmãos Les Norman e Pilar Remón, e que se estendeu aos países menos desenvolvidos da terra. Com poucos recursos foram capazes de coordenar, com colaboradores nacionais, um esforço para alimentar os pobres, canalizar mini-créditos para ajudar em trabalhos que produzam recursos de subsistência, além de compartilhar gratuitamente os materiais para levantar Escolas Missionárias em lugares onde não existe possibilidade de acessar Estudos Bíblicos, mediante o ensino prático que está obtendo um êxito incrível através da Internet, e claro, O Jornal Missionário, uma ferramenta para por em contato os muitos irmãos em situações muito precárias.

De sua parte, EMSIMISIÓN <http://www.emsimisión.org> é um grupo de médicos e outros profissionais cristãos que colocam à disposição dos pobres, seus recursos humanos e técnicos. Pagando pessoalmente por seus próprios gastos de viagem, realizam procedimentos médicos especialmente em Burquina Faso, um dos países mais pobres do mundo, realizam cirurgias gratuitas, constroem poços d'água para a manutenção dos cultivos e levam o evangelho da graça e amor de Deus.

Graças a Deus por esses amados irmãos e muitos outros que, com grande sensibilidade e misericórdia, agradecidos pela bondade recebida na pessoa de Jesus, entregam suas próprias vidas para diminuir um pouco a dor dos pobres, dos órfãos, das viúvas e estrangeiros. A graça de Deus continua sendo administrada, em sua multiforme abundância, por aqueles que a receberam do Doador de todas as coisas. A Ele seja toda a glória.

Algumas considerações finais.

Tetzel, o mais famoso pregador de indulgências na Idade Média, alardeava que no mesmo instante em que a moeda entrava no cofre, a alma saía do purgatório. As 95 teses que Martinho Lutero pregou na porta da catedral de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517, eram dirigidas especialmente contra o uso e abuso que acontecia com o recolhimento de dinheiro, sobretudo através das indulgências, para construir a capela sistina em Roma. Esse feito é considerado como o início da Reforma Protestante.

Hoje, muitos dos alardeadores que usam os meios de comunicação para pedir dinheiro a rodo, não estão muito distantes daquela mensagem medieval. Oferecem orações por suas ofertas, garantem todo tipo de bens econômicos em troca da oferta generosa, dizem que a fidelidade ao dízimo fará de você um cristão feliz e próspero, ou seja, a lei da oferta e da procura, uma forma mais de mercantilismo ao mais puro estilo babilônico. Sim, não nos escandalizemos, a característica básica da grande prostituta em Apocalipse é que enriqueceu a muitos com suas mercadorias, leia o capítulo 18 de Apocalipse e o verá.

Alguns meios de comunicação, especialmente a chamada televisão cristã, se converteram em verdadeiras piranhas das finanças, devoram e voltam a devorar os recursos de muitos irmãos em nome do evangelho, mas os frutos não são os desejados. Como em todas as coisas existem exceções, honrosas, dignas de elogio, graças a Deus por elas.

O apóstolo Paulo diz que não são os filhos que devem entesourar (prover) para os pais, mas os pais para os filhos, e mostrou o exemplo dizendo que ³³ De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes. ³⁴ Vós mesmos sabeis que estas mãos proveram as minhas necessidades e as dos que estavam comigo. ³⁵ Em tudo vos dei o exemplo de que assim trabalhando, é necessário socorrer os enfermos, recordando as palavras do Senhor Jesus, porquanto ele mesmo disse: Coisa mais bem-aventurada é dar do que receber” (Atos, 20).

Atualmente muitos se auto-intitulam apóstolos, mas ignoram esta parte do apostolado. Existem muitas pessoas dispostas a viver do evangelho como recurso para uma vida fácil; exigir o pagamento dos dízimos parece ser uma

maneira cômoda de estabelecer uma forma de vida que exclui o aprendizado de um ofício para cobrir as necessidades familiares. Em muitos casos, os que foram verdadeiramente chamados pelo Senhor, passam todo tipo de privações porque não existem recursos para eles, como eles não exigem e não coagem, eles não recebem. Nisto o ditado está certo: “quem não chora...” ainda que suas petições sejam dirigidas ao trono da graça para receber a ajuda oportuna.

Na igreja primitiva não se dava ênfase aos dízimos. Se houve uma grande oportunidade para resolver a questão foi no Concílio de Jerusalém, que é narrado em Atos 15. Quando chegaram à conclusão, depois de múltiplas intervenções, determinaram que fosse escrita uma carta aos irmãos das igrejas dos gentios nos seguintes termos:

“¹⁹ Por isso, julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus, ²⁰ mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue. ²¹ Porque Moisés, desde tempos antigos, tem em cada cidade homens que o preguem, e cada sábado é lido nas sinagogas. ²² Então pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos com toda a igreja escolher homens dentre eles e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé, a saber: Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens influentes entre os irmãos. ²³ E por intermédio deles escreveram o seguinte: Os apóstolos e os anciãos, irmãos, aos irmãos dentre os gentios em Antioquia, na Síria e na Cíclia, saúde. ²⁴ Portanto ouvimos que alguns dentre nós, aos quais nada mandamos, vos têm perturbado com palavras, confundindo as vossas almas, ²⁵ pareceu-nos bem, tendo chegado a um acordo, escolher alguns homens e enviá-los com os nossos amados Barnabé e Paulo, ²⁶ homens que têm exposto as suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. ²⁷ Enviamos portanto Judas e Silas, os quais também por palavra vos anunciarão as mesmas coisas. ²⁸ Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas necessárias: ²⁹ Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da prostituição; e destas coisas fareis bem de vos guardar. Bem vos vá.” (Atos 15).

Que curioso! Nenhuma referência à obrigatoriedade de impor o dízimo.

Quando Jesus censura, em Mateus, 23:23, a atitude dos fariseus que dizimam a hortelã, o endro e o cominho, esquecendo-se do mais importante da lei: a justiça, a misericórdia, e a fé, e logo diz que “era necessário fazer isso, sem deixar de fazer aquilo”, o faz no contexto da lei de Moisés, se dirige a judeus que vivem debaixo do regime velho da letra. E não existem mais textos no Novo Testamento para apoiar a doutrina dos dízimos, exceto em Hebreus 7 que já comentamos.

Neste contexto, me pergunto, por que a pregação de imposição do dízimo veio a ser um dos pilares essenciais da mensagem que se prega? A resposta que dou a mim mesmo é que voltamos a levantar, em boa medida, o antigo edifício religioso, o legalismo rançoso, o velho regime da letra, e para sustentá-lo necessitamos da obrigatoriedade do imposto religioso.

Esse mesmo sistema eclesiástico se revolta contra aqueles que acredita ameaçá-lo e busca uma maneira de “matá-los”. Assim ocorreu com Jesus. Uma das acusações que fez com que fosse levado à cruz foi que Ele iria destruir o

velho templo e levantaria um novo em três dias, ainda que falasse do templo de seu corpo. Assim está escrito:

⁵⁹ Ora, os principais sacerdotes e todo o sinédrio buscavam falso testemunho contra Jesus, para poderem entregá-lo à morte; ⁶⁰ e não achavam, apesar de se apresentarem muitas testemunhas falsas. Mas por fim compareceram duas, ⁶¹ e disseram: Este disse: Posso destruir o santuário de Deus, e reedificá-lo em três dias... ⁶⁵ Então o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou; para que precisamos ainda de testemunhas? Eis que agora acabais de ouvir a sua blasfêmia. ⁶⁶ Que vos parece? Responderam eles: É réu de morte. (Mateus, 26).

Devemos ter cuidado para que crendo estarmos edificando a igreja de Deus, não estejamos levantando um edifício espúrio, com tantos outros lugares altos que se levantaram na antiguidade.

Para finalizar, e com a intenção de que não existam equívocos quanto a minha posição neste assunto, direi que sou contra a imposição do dízimo como se fosse um imposto obrigatório por lei para os crentes, mas estou a favor de apoiar em todos os sentidos aqueles amados irmãos que realizam uma boa obra de edificação do povo de Deus, e de tê-los em alta estima por causa da obra que realizam.

Sou contra a pressão e a coação para pressionar aos irmãos com cargas pesadas, mas sou a favor da generosidade para com os que padecem necessidades.

Sou contra os impostos financeiros eclesiásticos que enriquecem aos poucos que tosquam o rebanho de Deus, mas sou a favor de investir generosamente na extensão do Reino a todas as nações, através de homens e mulheres íntegros, de fé e de amor pelos perdidos.

Se você segue a prática de dar o dízimo, siga fazendo-o, mas situe-o em seus termos justos, o dízimo não é uma forma de conseguir o favor e a aceitação de Deus, talvez seja uma maneira de disciplinar-se quanto ao dar, mas lembre-se que todo o teu ser e todo o que tem é propriedade de Deus. Segue ao Espírito e seja aberto para saber quando, onde e quando deverá semear com liberdade.

Creio em pedir a Deus por todas as nossas necessidades, e que Ele supre de múltiplas formas tudo o que nos falta, em cada momento, para realizarmos a missão que nos foi encomendada.

Vosso em Cristo

VIRGILIO ZABALLOS

Dezembro-2007

vzaballos@hotmail.com

© Editado gratuitamente pela Fundação DCI, Inglaterra
www.dci.org.uk